ÁREA TEMÁTICA:

( ) COMUNICAÇÃO
( ) CULTURA
( ) DIREITOS HUMANOS E JUSTIÇA
(X) EDUCAÇÃO
( ) MEIO AMBIENTE
( ) SAÚDE
( ) TRABALHO
( ) TECNOLOGIA

AS RELAÇÕES DE GÊNERO E FUTEBOL NO CONTEXTO ESCOLAR: ANALISANDO AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA DO ENSINO MÉDIO DO COLÉGIO ESTADUAL GENERAL OSÓRIO

GABRIEL, Bruno José[1]
ALEXANDRE, Felipe[2]
FREITAS JR, Miguel Archanjo[3]

RESUMO – A sociedade brasileira carrega uma marca autoritária e hierarquizada no que se refere às relações entre os gêneros masculinos e femininos. Mesmo após a conquista feminina de igual acessibilidade aos segmentos sociais, alguns paradigmas ainda são encontrados na sociedade contemporânea, como atividades de homens e de mulheres. Esse fator é recorrente no esporte, onde o futebol foi arraigado como área de reserva masculina. Diante deste cenário salientado o objetivo principal do presente estudo é descrever e analisar o desenvolvimento das relações de gênero e futebol nas aulas de Educação Física do Ensino Médio - 2as e 3as séries - do Colégio Estadual General Osório, localizado na cidade de Ponta Grossa no Estado do Paraná. Para alcançar a proposta de estudo, optou-se em realizar alguns passos metodológicos: Primeiramente, utilizar a Metodologia Observacional analítica, posteriormente um delineamento de observação, terceiro passo selecionar e categorizar as aulas e por último descrever e analisar os dados obtidos. Concluiu-se que a dicotomia sexista da sociedade, foi transposta ao campo esportivo, sendo refletida também no contexto escolar, devido à utilização pedagógica do esporte. As relações de gênero e futebol nas aulas de Educação Física da presente instituição socializadora, se estreitam em duas categorias de aulas distintas, porém interdependentes: Aulas livres e aulas específicas de futebol.

PALAVRAS CHAVE – PIBID; Educação; Gênero.

[1] Acadêmico do 4º ano do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa, membro do grupo de estudos: Esporte, Lazer e Sociedade – UEPG, do Núcleo de Estudos do Futebol – UFPR e bolsista do Programa Institucional com bolsa de Iniciação a docência – PIBID. Email: brunogabriel_uepg@hotmail.com.

[2] , Acadêmico do 2º ano do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Estadual de Ponta Grossa, membro do grupo de estudos: Esporte, Lazer e Sociedade – UEPG. Email: fe_alexandre@hotmail.com.

[3] Doutor em História, formado pela Universidade Federal do Paraná, professor efetivo da Universidade Estadual de Ponta Grossa nos cursos de Educação Física – Licenciatura e Bacharelado. Email: mfreitasjr@uepg.br.

1 – Introdução

1.1 Diferenças Sociais: Masculinos e femininos

Ao longo dos períodos históricos determinados acontecimentos ficaram marcados pelo seu impacto na sociedade, pois estes foram absorvidos e reproduzidos por membros de uma determinada localidade geográfica. Posteriormente essa ideologia foi transmitida e enraizada pelos novos membros desta e de outras localidades, o que ocasionou em um processo cultural (SARAIVA, 2005; BESSA, 2007). Assim se verificou que durante as temporalidades criou-se, estereotipou-se e conseqüentemente arraigou-se uma dicotomia em relação aos diferentes papéis sociais exercidos por homens e mulheres.

Esta dicotomia social teve seu marco inicial nas sociedades agrícolas, no Período Mesolítico[4] na Pré-História (entre 8.000 a 4.000 anos atrás). Nesta temporalidade o homem passava por um processo evolutivo, pois o mesmo refinava suas habilidades motoras, adquiria conhecimentos – domínio do fogo, que lhe proporcionou iluminação na habitação, espantar os animais, proteger-se do frio rigoroso, além de cozinhar seus alimentos - que lhe assegurava a sobrevivência de forma mais segura. Paralelamente o homem desenvolvia a agricultura, domesticava e criava animais, assim a habitação fixa e a divisão do trabalho tornou-se necessária.

Desta forma, os construtos biológicos foram utilizados para determinar esta divisão, ficando sobe a responsabilidade do homem a proteção e o sustento da família e da mulher a reprodução da espécie e o cuidado do lar, além do trabalho braçal[5] (BESSA, 2007; TEROSSI et al. 2009). A submissão feminina imperou durante vários períodos, pois o gênero masculino foi estigmatizado como dominante em vários segmentos sociais, dentre esses podemos destacar o contexto familiar e o esportivo. Entretanto as mulheres reivindicaram e conquistaram "vários direitos que antes lhes eram negados pelo fato de serem do sexo feminino" (TEROSI et al., 2009, p. 2).

Mesmo com todo o desvelamento histórico que envolveu as mulheres nos segmentos sociais e no esporte em geral, algumas ideologias permanecem inalteradas no imaginário das pessoas. Duas estudiosas sobre as relações de gênero na sociedade são enfáticas ao retratar a existência de um paradigma de atividades que são masculinizadas e feminilizadas, devido uma cultura e um processo educacional patriarcal (DARIDO, 2002; FERREIRA, 2010). Para verificarmos esse paradigma dos gêneros, "basta observar com atenção a sociedade em que vivemos ou o lugar em que desenvolvemos nossas atividades" (FERREIRA, 2010, p. 4).

O processo de formação da identidade de gênero – que está diretamente relacionado aos órgãos genitais que definem a dualidade macho e fêmea – das pessoas é o principal fator que vem contribuindo com a perpetuação da dicotomia de atividades masculinas e femininas na sociedade contemporânea. Connell (2005) retrata que desde a infância existem expectativas diferenciadas em relação aos comportamentos dos meninos e das meninas - feminilidade almejada e masculinidade hegemônica – e que essa dicotomia vai ser refletida em atitudes que visam manter a diferença social estabelecida (KNIJNIK, 2008).

Neste sentido, Ferreira (2010) salienta em seu estudo sobre gênero e atividades, a existência de profissões que se aproximam mais das características (e, ou identidade) femininas e que não obstante são dominadas por elas, como: Pedagogia, Nutrição, Enfermagem e Serviço Social. A autora também apresenta as profissões dominadas pelos homens: Física, Engenharia, Matemática, Química e Ciências da Computação.

1.2. O futebol: Reflexo da Sociedade

Vários estudiosos, como historiadores, sociológicos e antropólogos vem se retratando o futebol como uma das "principais formas de se compreender a sociedade brasileira" (CAPRARO, 2005, p. 1), pois os acontecimentos que ocorrem na sociedade são refletidos no futebol. Segundo Goellner (2005) essa dicotomia sexista é recorrente no campo esportivo, pois durante o processo histórico social se visualiza a existência de modalidades esportivas não indicadas para determinado gênero. A prática futebolística é um exemplo bastante significativo de profissão esportiva, que é sócio/culturalmente masculinizada (DARIDO, 2002; GOELLNER, 2005; ORICCHIO, 2006). Já a

[4] A Pré-História é um período anterior ao aparecimento da escrita, dividido em três fases: Paleolítico ou Idade da Pedra Lascada, Mesolítico e Neolítico ou Idade da Pedra Polida.

[5] Segundo Bessa (2007, p.1) na Pré-História o modelo de família era multigeracional, ou seja, os afazeres trabalhistas e domésticos eram coincidentes.

ginástica rítmica é sócio/culturalmente feminilizada, além de ser um espaço hegemônico das mulheres, pois os homens não participam (SARAIVA 2005).

O futebol é indubitavelmente o desporto que causa maior euforia na sociedade brasileira. Durante o período de Copa do Mundo um sentimento bastante forte, intrínseco e inerente de todo brasileiro é aflorado nas pessoas. Todos os segmentos sociais praticamente param para torcer pelo selecionado nacional – Empresas, comércio, clubes, instituições socializadoras e todos os outros esportes. Knijnik (2006) é bastante enfático ao retratar o futebol nacional e sua representação social:

> Um esporte maior que todos os outros, orgulho da brasilidade, o futebol, mais do que qualquer greve geral para o país, está absolutamente imbricado no seio das diversas culturas nacionais, é parte integrante e simbólica de manifestações culturais de norte a sul do Brasil (Knijnik, 2006, p. 8).

Entretanto apesar desse capital simbólico que o futebol dispõe no Brasil, se pode dizer que esta modalidade foi historicamente arraigada como prática do gênero masculino. Neste sentido visualizamos um referencial teórico bastante interessante que aborda a existência desta ideologia sobre diferentes prismas.

Knijnik (2006) em seu estudo que analisa as relações de gênero no futebol brasileiro aborda que no Brasil e "nesta terra futebol é coisa de homem. Não tem conversa. Quando a mulher sabe o que é lei do impedimento, palmas para ela!" (KNIJNIK, 2006, p. 8). Foram elencadas também inúmeras atividades cotidianas diretamente ligadas à prática futebolística em que os homens são atores protagonistas, como o reduto dos bares, a escolha dos times nas partidas do final de semana, a ida ao estádio, os programas esportivos apresentados pelos veículos de comunicação e por fim a escolha dos times do legado de um casal.

Outro fator relacionado foi o processo cultural vivenciado pelas mulheres na temporalidade inicial do futebol na sociedade brasileira, no qual elas foram inseridas de maneira secundária neste campo. Nesta temporalidade as senhoras pertencentes a famílias sérias presenciavam as partidas nos camarotes e nas arquibancadas (ORICCHIO, 2006). Capellano apud Ecoten et al. (2010) corrobora neste sentido ao salientar o papel precursor das mulheres em relação às torcidas de futebol, devido ao bom comportamento exigido em relação as moças de famílias sérias nos eventos futebolísticos.

> Foram as mulheres, aliás, que consagraram a expressão "torcer". Como não ficava bem para uma dama se descabelar, gritar, chorar, com seu time de coração, elas levavam para os estádios pedaços de pano, os quais torciam durante as partidas para aliviar a tensão. O habito as fez ficar conhecidas como "torcedoras" e não demorou muito para o termo ser adotado para designar todos aqueles que compareciam com freqüência às partidas no intuito de incentivar as equipes. (Capellano apud Ecoten et. al. 2010, p. 4).

Os atores protagonistas que integram o campo futebolístico têm propagado a existência de uma visão sexista no futebol. Um acontecimento recente envolvendo Renê Simões, técnico com alto capital simbólico no cenário do futebol feminino. Renê nos mostra que a ideologia, do futebol como uma área de reserva masculina, permaneceu inalterada ao longo dos anos. Em 2004 o então técnico do selecionado feminino de futebol nos Jogos Olímpicos de Atenas, na véspera da partida final desta competição deu um depoimento a uma emissora de televisão, onde pedia desculpas as suas três filhas por nunca ter presenteado-as com bolas de futebol e também por nunca ter ensinado-as a praticar esse desporto – o selecionado nacional foi vice-campeão, melhor colocação das mulheres na história das Olimpíadas, perdendo a final para as Norte Americanas.

Os ensaios literários também abordaram o futebol dicotômico, onde os masculinos imperavam em relação aos femininos. Em sua obra o professor de literatura Flávio Aguiar, descreve sobre os primórdios do futebol, onde tínhamos "(...) presença total do masculino, concentração ausente do feminino" (AGUIAR apud KNIJNIK, 2006, p. 9) em sua prática direta, ou seja, jogando futebol dentro das quatro linhas.

A legislação também contribui para que as mulheres se afastassem da prática futebolística, arraigando a cultura sexista do futebol, pois durante um período bastante grande elas foram proibidas de realizar algumas práticas desportivas, dentre elas o futsal, o futebol e o futebol de areia. O período de proibição imposto pelo CND perdurou de 1941 a 1979 (JÚNIOR; DARIDO, 2002).

2- Objetivo (s)

Assim diante deste cenário salientado, o objetivo principal do presente estudo é descrever e analisar o desenvolvimento das relações de gênero e futebol nas aulas de Educação Física do Ensino Médio - 2as e 3as séries - do Colégio Estadual General Osório, ministradas pela professora "A".

3- Metodologia

Para alcançar a proposta de estudo, optou-se em realizar alguns passos metodológicos: Primeiramente definimos a utilização da Metodologia Observacional Analítica. Em um segundo momento se definiu um período de cinco meses para realizar o delineamento observacional nas aulas de Educação Física – Agosto a Dezembro de 2011. O terceiro passo foi selecionar e catalogar duas categorias de aula – Aula referente à temática futebol e Aula livre, devido os seus conteúdos contemplarem a prática futebolísticas de forma primária e secundária. Por fim se estabeleceu uma ordem de descrição e análise dos acontecimentos observados.

Para realizar o processo analítico, realizamos uma revisão bibliográfica – Artigos publicados em periódicos, monografias, dissertações e teses, disponibilizados no Portal da Capes – por meio da internet devido à disponibilidade, praticidade e ampla capacidade de armazenamento de dados que esse ambiente virtual possibilita.

4- Resultados e Discussões

4.1 – Relações de Gênero e Futebol nas Aulas Livres:

A professora A sempre inicia o ano letivo de suas turmas, conversando com os alunos sobre os conteúdos que serão ministrados, a metodologia utilizada, o processo avaliativo, além de estabelecer um contrato verbal, através do qual fica estabelecido que de acordo com o comportamento, desempenho e bom andamento das aulas, pode-se ter algumas aulas livres para que sejam praticados os desportos de preferência dos alunos.

Neste contexto observou-se que os desportos que dispõem de maior preferência dos alunos são: Futebol, Voleibol, Tênis de Mesa e Xadrez. No bojo destas atividades emergiram acontecimentos bastante interessantes, entretanto que precisam ser analisados para que sejam encontradas soluções. Quando o material – bolas, raquetes e tabuleiros – era entregue aos alunos, observamos uma participação diferenciada nas práticas desportivas de acordo com o gênero, pois os meninos concentravam-se no futebol, enquanto as meninas no voleibol. Neste sentido Knijnik (2009) retrata que a cultura infantil "tem sido pródiga em criar um mundo dividido, no qual há o campo dos meninas (...) e o campo dos meninos, de lado oposto e antagônico" (p. 1). Assim esse mundo dividido, que tem origem na infância é transposto na idade adulta, estigmatizando diferentes papéis para homens e mulheres nos segmentos sociais (DARIDO, 2002; FERREIRA, 2010).

Ainda neste contexto, os estudos de Darido e Júnior (2002) constataram que nas escolas de Ensino Fundamental da rede pública estadual do município de Rio Claro – SP, o desporto preferido das meninas é o voleibol. As poucas meninas que se interessavam em praticar a modalidade futebol, não podiam, pois além da dominação, os meninos não abriam espaço para uma prática mista, baseados em uma possível inabilidade feminina. Darido (2002) corroborou neste sentido ao levantar a hipótese de que no contexto escolar a pratica sexista do futebol é baseada na habilidade ou inabilidade em detrimento do construto biológico.

Depois de entregue o material esportivo, e as turmas serem divididas em grupos masculinos e femininos, surgiam alguns momentos de tensão, pois sempre havia uma relação de poder para decidir quem utilizaria a quadra poliesportiva, sempre com vitória masculina em detrimento da feminina, apresentando exceção em decorrência da intervenção da professora. Em seus estudos Joan Scott (1995) retrata que o "gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder" (p. 86).

Neste sentido Júnior e Darido (2002) retratam que nas escolas em que realizaram seu estudo, os meninos foram hegemônicos nos espaços maiores do contexto escolar, como a quadra esportiva, pois "ocupam exclusivamente ou majoritariamente em relação às meninas estes espaços" (DARIDO; JÚNIOR, 2002, p. 7). Ainda neste estudo são elencados vários outros fatores que corroboram com essa constatação, ao enfatizar que "o esporte é um meio dos meninos exercerem domínio de espaço na escola, sendo os locais destinados à prática esportiva, considerados reduto quase que exclusivamente masculinos" (DARIDO; JÚNIOR, 2002, p. 7). Neste contexto Freitas (2003) em seu estudo sobre as relações de gênero e futebol segundo a ótica discursiva de docentes do município de João Pessoa – PB retratou o discurso de um professor que prioriza o uso da quadra esportiva do colégio em que leciona para os meninos, embasado na idéia de uma não absorção de

equalizar com as meninas o espaço. Foi abordado ainda que o professor, em seu discurso expôs que se fosse igualmente equalizado, os meninos responderiam de forma violenta.

4.2 – Relações de Gênero e Futebol nas aulas específicas

As aulas específicas tinham um itinerário diferente das aulas livres, primeiramente devido à obrigatoriedade de participação da aula dos gêneros e também devido à cobrança dos conteúdos referentes no processo avaliativo teórico/prático. Além desse fator salientado, eram aulas planejadas e estruturadas, normalmente iniciadas em sala de aula com um embasamento teórico preliminar para posteriormente ingressarem na prática. A parte prática da aula era iniciada de forma mista – meninos e meninas juntos – com atividades recreativas. Em um segundo momento as atividades referentes aos fundamentos do esporte já eram trabalhadas separadamente, igualmente o jogo formal que encerrava a aula.

Assim verificamos duas situações distintas da aula, parte mista e parte fragmentada, concepções que são bastante discutidas pela literatura e também pelos professores. SARAIVA (2005) retrata que a Co-Educação poderia ser utilizada para que os professores pudessem refletir sobre sua prática pedagógica, trabalhando no sentido de superar o sexismo nas aulas de Educação Física. Não obstante a autora salienta a existência de duas correntes, a defensora das aulas fragmentadas e a contrária, conhecidas como tradicionalista, e progressista respectivamente.

No decorrer das aulas pudemos observar que as meninas têm maior dificuldade em realizar os movimentos corporais exigidos pelos fundamentos do futebol em relação aos meninos. Essa diferença tem raízes culturais, pois as mulheres ao longo da história futebol tiveram contato em um nível maior de forma secundária (DARIDO; 2002, DARIDO e JÚNIOR, 2002; GOELLNER, 2005; KINIJNIK, 2006; ORICCHIO, 2006). A conseqüência desta trajetória histórica foi à instauração de uma cultura masculinizada do futebol, o que vem resultando em oportunidades diferenciadas de prática entre os gêneros, assim as meninas não tem oportunidades igualitárias para desenvolverem suas habilidades motoras específicas Daólio (apud FREITAS, 2003). Uma hipótese para explicar essa disparidade motora dos meninos em relação as meninas, é que para uma habilidade motora ser desenvolvida e refinada, se tem a necessidade de um volume/experiência bastante grande em relação aos movimentos (Schmidt, 2010).

6- Conclusão

Percebeu-se até o presente momento que a cultura absorvida e transmitida pelos membros das novas gerações da sociedade líquida moderna tem sido pródiga em “criar um mundo dividido, no qual há o campo das meninas (...) e o campo dos meninos, de lado oposto e antagônico” (Knijnik, 2009, p. 1). Esse mundo fragmentado traz em seu bojo relações hierarquizadas de gênero nesta temporalidade, em que a acessibilidade aos segmentos sociais é igualitária aos gêneros, pois os homens vêm absorvendo um ideal de poder e dominação em detrimento das mulheres.

A dicotomia de práticas propícias ao gênero masculino e ou feminino, também é recorrente no campo esportivo, onde apesar de toda euforia causada pelo futebol na sociedade brasileira, este é considerado um desporto masculino. Como o esporte é um conteúdo que deve ser trabalhado pedagogicamente nos vários ciclos de escolaridade, essas tensões/diferenciações generificadas presentes no bojo da sociedade e no campo esportivo, são refletidas no contexto escolar, neste estudo mais precisamente no Colégio Estadual General Osório - Paraná.

No Colégio Estadual General Osório as relações de gênero no futebol se estreitam em dois momentos distintos, porém interdependentes das aulas de Educação Física. Primeiramente nas aulas livres, quando as meninas interessadas em participar dessa modalidade são distanciadas, devido a uma concepção de inabilidade imposta pelos meninos e pela hegemonia em relação ao espaço destinado a esta prática, a quadra poliesportiva. Nas aulas específicas, visualizamos que os meninos apresentam habilidades motoras mais refinadas em relação às meninas na prática do futebol. Este fator pode ser explicado pelo processo cultural vivenciado pela mulher durante o processo histórico de proibição do futebol para elas, o que culminou em poucos espaços e oportunidades para o refinamento das habilidades motoras requerida pelo futebol.

6- Referências

BESSA, K. A. M. **O Papel da Mulher dentro da História.** Disponível em: http://estelavieira-uminho.blogspot.com.br/2009/08/o-papel-da-mulher-na-sociedade-ao-longo.html. Acesso em:

17/04/2012 às 03/04/2012.

CONNELL, R. W. **Masculinities.** Crows Nest, Australia: Allen e Unwin, 2005.

DARIDO, S. C. **Futebol feminino no Brasil:** do seu início à prática pedagógica. Motriz, Rio Claro, v.8 (2), p. 1-7, dezembro 2002.

ECOTEN, M. C. F.; CORSETTI, B. **A Mulher no Espaço do Futebol:** Um Estudo a Partir de Memórias de Mulheres. In: FAZENDO GÊNERO 9 – DIÁSPORAS, DIVERSIDADES, DESLOCAMENTOS, 9, 2010, Santa Catarina. **Anais ...** Santa Catarina: UFSC, 2010. P. 1-11.

FERREIRA, M. M. **PROFISSÕES MASCULINAS E PROFISSÕES FEMININAS:** o que é ser bibliotecário no universo de uma profissão "feminina"? In: ENCUENTRO LATINOAMERICANO DE BIBLIOTECARIOS, ARCHIVISTAS Y MUSEOLÓGOS,
II, 2010, Lima, Peru. **Anais**... Lima, Peru: 2010. p. 1-11.

FREITAS, Lígia Luís de. **Gênero e Futebol Feminino:** Preconceitos, Mitos e Sexismo na Prática Discursiva de Docentes da Educação Física. Disponível em: http://www.anped.org.br/reunioes/27/ge23/t236.pdf. Acesso em: 23 de Fevereiro de 2012.

GOELLNER, S. V. **Mulheres e futebol no Brasil:** entre sobras e visibilidades. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.,** São Paulo, v.19, n.2, p. 143-51, abr./jun. 2005.

JÚNIOR, O. M.; DARIDO, S. C. **A Prática do Futebol Feminino no Ensino Fundamental.** Motriz, Rio Claro, v.8 (1), p. 1-9, Abril 2002.

KNIJNIK, J. D. **Muito além dos estereótipos: teatro, gênero e Direitos Humanos na cultura infantil.** Disponível em: http://www.culturainfancia.com.br/docs/bandamirim.pdf>. Acesso em: 23 de Fevereiro de 2012.

KNIJNIK, J. D. **Femininos e Masculinos no futebol brasileiro.** 2006, 475 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social e do Trabalho) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

ORICCHIO, L. Z. **Fome de bola:** cinema e futebol no Brasil. 1. Ed. São Paulo: Imprensa Oficial, 1996. 484p.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Co-Educação Física e Esportes:** Quando a diferença é mito. 2. Ed. Ijuí: Unijuí, 2005. 200p.

SCHMIDDT, R. A..; WRISBERG, C. A.. **Aprendizagem e Performance Motora:** Uma abordagem da Aprendizagem Baseada na Situação. 4. Ed. São Paulo: Artmed, 2010, 416 p.

SCOTT, J. **Gênero:** uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, 20 (2), jul/dez, 1995, p. 71-99.

TEROSSI, M. B.; D´ANGELO, A. P.; STILLI, Daniela Avelar de Bessa. **Futebol e Gênero:** a visão nacional sobre a prática do futebol entre as mulheres. Anuário da Produção Acadêmica Docente, São Paulo, v. 3 (4), p.1-16, março 2010.

Órgão de Fomento da Pesquisa: PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência.